

Schaller no Brasil e o “Epitáfio para uma onça-pintada”

Categories : [Rastro de Onça](#)

A era moderna no estudo de carnívoros no Brasil começou com a vinda do biólogo George Schaller, em abril de 1977, para fazer o primeiro estudo da onça-pintada, no Pantanal Matogrossense. Uso aqui um texto que traduzi do George para contar um pouco mais dessa história. Publicado em 1980, este artigo conta os infortúnios que marcaram o início do nosso projeto com as onças, ao qual me juntei formalmente em janeiro de 1978, como contraparte brasileira do projeto, através de um convênio entre o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal/IBDF (o precursor do IBAMA) e a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza/FBCN.

Depois de explorar áreas nas Américas Central e do Sul, George escolheu para o estudo a fazenda Acurizal, então uma fazenda de pecuária ativa, localizada na margem direita do rio Paraguai onde ele é margeado pela Serra do Amolar, borda oeste [do Pantanal](#) e divisa com a Bolívia.

O artigo original "Epitaph for a Jaguar" (Epitáfio para uma onça-pintada) foi primeiro publicado no Animal Kingdom Magazine, Abril/Maio, 1980, e depois republicado como capítulo do livro "A Naturalist and Other Beasts – Tales from a life in the field", Sierra Club Books, 2007.

Passo a palavra ao George:

"Pegadas na lama contaram a história. Durante a noite uma onça-pintada fêmea, protegida por um arbusto na beira da baía, havia se aproximado de uma capivara e saltou, matando-a em um instante de violência, antes que ela pudesse escapar para a segurança da água. Depois, com o roedor de 35 quilos entre suas patas dianteiras, ela o levantou com as mandíbulas e arrastou pela praia até o interior da floresta.

Segui as marcas por entre bromeliáceas afiadas como navalhas e lianas espinhentas. Um passo de cada vez, eu avançava com os ouvidos atentos. Meus olhos tentavam penetrar a vegetação, me esforçando para ver a onça. Ela certamente sabia da minha presença, pois as folhas secas no chão, em agosto, faziam bastante barulho sob os meus pés. Talvez ela tivesse abandonado a presa depois de uma refeição apressada, como as onças comumente fazem.

Então, a poucos metros, um rosnado baixo e contínuo me fez parar. Lentamente me abaixei, na esperança de ver ao menos um vislumbre do luminoso desenho de rosetas pretas em fundo dourado, por baixo dos arbustos ensombreados onde ela se escondia com sua presa. Mas ela permanecia invisível. Sem querer perturbá-la mais, voltei para trás, mais uma vez frustrado em

minhas tentativas para vê-la. Há vários meses, eu estava estudando onças-pintadas no Brasil, na fazenda Acurizal, que cobre 142 km² da planície de inundação do rio Paraguai, do lado leste da Serra do Amolar, uma cadeia de montanhas ao longo da divisa com a Bolívia.

Durante esse tempo, eu havia me familiarizado com as onças na fazenda, mas somente à distância, através dos rastros deixados por elas ao longo das trilhas de gado e praias, e examinando as carcaças de suas presas. Não é difícil identificar indivíduos por suas pegadas quando apenas uns poucos animais habitam uma área. As pegadas de um macho adulto podem ser diferenciadas das de uma fêmea por seu maior tamanho, formato mais arredondado, e pela maior distância entre os dedos; as pegadas de um animal jovem são menores que as de um adulto, e podem estar acompanhando ou próximas das de uma fêmea. Quando duas fêmeas adultas ocupam uma mesma área pode ser difícil diferenciar suas pegadas, mas normalmente elas têm alguma característica que as identifica, como alguma pequena peculiaridade no formato da almofada plantar.

Mãe e filhote

Em Acurizal, descobri que duas onças, uma fêmea adulta e seu filhote, também fêmea, com uma idade estimada entre 15 e 18 meses, caçavam juntas em uma área de floresta com aproximadamente 40 km². A mata relativamente aberta provia a elas gado – sua principal presa na fazenda – e trechos mais densos de mata secundária abrigavam varas de queixadas, outra de suas presas mais importantes. Matas de galeria acompanhavam dois riachos que drenavam a serra, e essas abrigavam outras espécies de presas, como veados (mateiro e catingueiro) e antas. A temperatura era mais fresca dentro da mata, e as onças frequentemente descansavam ali durante as horas mais quentes do dia. Uma terceira fêmea visitava Acurizal intermitentemente, a sua área parcialmente se sobrepondo àquela das outras duas fêmeas. E, finalmente, um macho adulto de tamanho médio dominava não apenas a área da fazenda, como ainda estendia seus movimentos pelas florestas a oeste das montanhas.

Esse sistema de posse de terra – com territórios de fêmeas vizinhas se sobrepondo e aquele de um macho residente incluindo várias fêmeas – é similar àquela de outros grandes felinos solitários. Embora façam parte de uma comunidade onde os membros se monitoram entre si, os jaguares, como tigres e pumas, essencialmente vivem sozinhos. A julgar por suas pegadas, mesmo a fêmea adulta e sua filha, já raramente se associavam. Em uma ocasião, o macho e a mãe andavam juntos, talvez por ela estar no cio. Peter Crawshaw, meu colega brasileiro, os seguiu até onde eles haviam matado um tamanduá-mirim – como uma brincadeira, aparentemente, pois eles meramente morderam o animal na nuca e o abandonaram.

Na manhã seguinte àquela em que a fêmea rosnou para mim, saí do acampamento para explorar uma praia, entre a linha d'água e a floresta, mais uma vez tentando encontrar a onça. À minha direita se estendia o Pantanal, uma planície alagadiça com mais de 100 mil km², que é parcialmente inundada todo ano pelo rio Paraguai e pelos seus afluentes. Esse mosaico de

florestas, banhados, lagos, e baías protegem uma das grandes concentrações de fauna da América do Sul. Depois de uma visita a essa área em 1912, Theodore Roosevelt escreveu, "É literalmente um lugar ideal onde um naturalista de campo poderia passar seis meses ou um ano". Agora, sessenta anos depois, aqui estava eu no Pantanal com esperança de não apenas estudar sua fauna, mas também de encorajar o governo brasileiro de estabelecer um parque nacional aqui.

Banquete de onça